

MAIS DE 70 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

HARLAN COBEN

QUANDO ELA SE FOI

Uma história de Myron Bolitar

De que valores
você abriria mão
para salvar alguém
que ama?



ARQUEIRO

QUANDO ELA SE FOI

HARLAN COBEN

QUANDO ELA SE FOI



ARQUEIRO

Para Sandra Whitaker

PARTE UM

Espera um pouco.

Isto doerá mais do que qualquer outra coisa já doeu.

– WILLIAM FITZSIMMONS, “I Don’t Feel It Anymore”

1

— *VOCÊ NÃO CONHECE O SEGREDO DELA* – disse-me Win.

– E deveria?

Ele apenas deu de ombros.

– É grave? – perguntei.

– Muito.

– Então talvez eu não queira saber.

Dois dias antes de descobrir o segredo que ela havia guardado a sete chaves por quase uma década, algo aparentemente pessoal demais, que nos devastaria e mudaria nosso mundo para sempre, Terese Collins me ligou às cinco da manhã, transportando-me de um sonho quase erótico para outro. Sem rodeios, ela disse:

– Venha para Paris.

Fazia uns sete anos que eu não ouvia sua voz. Além disso, a ligação estava ruim e ela dispensou qualquer preâmbulo, sequer se dando o trabalho de dizer um “alô, como vai?”. Virei na cama e disse:

– Terese? Onde você está?

– No D’Aubusson. É um hotelzinho aconchegante na margem esquerda do Sena. Você vai adorar. Tem um voo da Air France que sai às sete da noite.

Terese Collins. Recostei-me na cabeceira enquanto as imagens invadiam minha mente: o olhar hipnotizante, o biquíni que faria qualquer um perder a cabeça, a praia na pequena ilha particular com areias douradas pelo sol, o biquíni que faria qualquer um perder a cabeça...

O biquíni merece dupla menção.

– Não posso – falei.

– Paris – provocou ela.

– Eu sei.

Uns 10 anos atrás, nós dois fugimos juntos para uma ilha. Depois daquilo, pensei que nunca mais nos veríamos, mas estava enganado. Alguns anos mais tarde, ela ajudou a salvar a vida do meu filho. E depois, *puf*, desapareceu do mapa. Até agora.

– Pense bem – insistiu ela. – É a Cidade Luz. A gente pode fazer amor a noite inteira.

Engoli em seco e disse:

– Tudo bem, mas e de dia? A gente faz o quê?
– Se não me falha a memória, você vai precisar de um pouco de descanso.
– E de vitamina E para ajudar no desempenho – emendei, sorrindo sem querer. – Não posso, Terese. Estou com outra pessoa.
– A viúva do 11 de Setembro?
Fiquei me perguntando como Terese poderia saber disso.
– É – falei.
– Mas não tem nada a ver com ela.
– Eu acho que tem.
– Você está apaixonado?
– Faria alguma diferença se eu dissesse que sim?
– Na verdade, não.
Passei o telefone para a outra mão e disse:
– O que é que está acontecendo, Terese?
– Não está acontecendo nada. Só queria passar um fim de semana romântico e sexy com você. Liberar as fantasias.
Engoli em seco novamente.
– Há quanto tempo a gente não se fala? Uns sete anos?
– Quase oito.
– Eu liguei para você – comentei. – Muitas vezes.
– Eu sei.
– Deixei recados. Mande cartas. Tentei encontrar você.
– Eu sei – repetiu ela.
Seguiu-se um silêncio. Não gosto de silêncio.
– Terese?
– Quando você precisou de mim – disse ela –, quando precisou de verdade, eu não deixei você na mão, deixei?
– Não, não deixou.
– Venha para Paris, Myron.
– Assim, de uma hora para outra?
– É.
– Por onde você andou esse tempo todo?
– Quando você chegar eu conto.
– Não posso. Sou um cara comprometido.
Silêncio outra vez.
– Terese?
– Você se lembra de quando a gente se conheceu?
Havia sido logo depois da maior tragédia da minha vida. Acho que o mesmo

poderia ser dito dela. Assim como a mim, um amigo bem-intencionado a havia levado a um evento beneficente. No momento em que nossos olhares se cruzaram, foi como se a dor de um tivesse o efeito de um ímã sobre o outro. Não sou desses que acreditam que os olhos são a janela da alma. Já conheci uma quantidade mais que suficiente de psicopatas para saber que não se pode acreditar em uma balela dessas. Mas a tristeza era mais do que evidente nos olhos de Terese. Na verdade, emanava do corpo inteiro. E, naquela noite, em que minha própria vida estava despedaçada, era exatamente disso que eu precisava.

Um amigo de Terese tinha uma pequena ilha no Caribe, não muito longe de Aruba. Fugimos naquela mesma noite, sem dizer a ninguém para onde íamos. Acabamos passando três semanas lá, fazendo amor quase sem dizer nada, desfazendo-nos e desaparecendo um no outro, porque isso era tudo.

– Claro que lembro – falei.

– Nós estávamos arrasados. Não falamos disso um com o outro em nenhum momento, mas ambos sabíamos.

– É verdade.

– Seja lá o que aconteceu com você – disse Terese –, você conseguiu ir em frente. O que é natural. A gente cai e levanta. É destruído e se refaz.

– E você?

– Não consegui me refazer. Acho que nem quis. Eu estava despedaçada e talvez fosse melhor continuar assim.

– Não sei se entendi.

– Achei que... – ela quase sussurrou. – Quer dizer, *ainda acho* que não quero saber como será meu mundo depois de reconstruído. Acho que não vou gostar do resultado.

– Terese?

Ela não respondeu.

– Quero ajudar – falei.

Mais silêncio.

– Esqueça que eu liguei, Myron. Se cuida.

E desligou.

2

— **AH – DISSE WIN –**, A FASCINANTE Terese Collins. Aquilo, sim, é um *derrière* de primeira linha. Qualidade internacional.

Estávamos sentados nas frágeis arquibancadas do ginásio da Kasselton High. O cheiro habitual de suor e desinfetante pairava no ar. Como em qualquer ginásio de escola, todos os sons ali eram distorcidos e os ecos funcionavam como uma barreira, uma cortina entre nós e o restante das pessoas.

Adoro ginásios como este. Cresci dentro deles. Muitos dos meus momentos mais felizes aconteceram em lugares abafados como este, com uma bola de basquete nas mãos. Adoro os ruídos dos dribles. O suor que brota na testa dos jogadores durante o aquecimento. A sensação da textura da bola. Aqueles momentos em que nossos olhos se fixam no aro e arremessamos a bola, ela alça voo girando e é como se o resto do mundo deixasse de existir, uma experiência quase religiosa.

- Que bom que você se lembra dela.
- Um *derrière* de primeira linha. Qualidade internacional.
- Não precisa repetir.

Win havia sido meu colega de quarto na Universidade Duke e depois se tornou meu sócio. Ele e Esperanza Diaz eram meus melhores amigos. Seu nome completo era Windsor Horne Lockwood III e se encaixava como uma luva à sua aparência: cabelos louros e finos divinamente partidos, olhos azuis, um rosto bonito de pele rosada e feições nobres e um bronzeado em V no pescoço, resultado das muitas horas jogando golfe. Usava calças cáqui caríssimas, com vincos tão meticulosos quanto a linha que dividia seus cabelos. Hoje vestia um blazer da Lilly Pulitzer azul de forro rosa e verde e um lenço no bolso combinando. Parecia aquelas flores de palhaço que espirram água.

Roupa de fresco.

– Quando Terese aparecia na TV – disse Win, o sotaque esnobe adquirido em escolas de elite dando a impressão de que ele estava explicando o óbvio a uma criança meio lerda –, não dava para saber. Ela ficava sentada atrás da bancada do telejornal.

- Sei.
- Mas depois, quando a vi naquele biquíni...

Para os que estão prestando atenção, esse seria o biquíni que mencionei antes, o que faria qualquer um perder a cabeça.

– Bem, trata-se de um patrimônio e tanto. Um desperdício para alguém que fica escondido atrás de uma bancada. Uma tragédia, por assim dizer.

- Como o dirigível Hindenburg – falei.
- Muito engraçada a sua comparação – disse Win. – E, sobretudo, muito atual.

Havia sempre uma expressão de arrogância no rosto do meu amigo. As pes-

soas olhavam para ele e logo percebiam aquele aspecto elitista e esnobe de quem é muito rico há gerações e gerações. E não se enganavam de todo. Mas ele não era só isso. Havia também outro lado, não tão visível, que poderia deixar um homem gravemente ferido.

– Vamos lá – disse ele. – Termine sua história.

– Já terminei.

Win arqueou as sobrancelhas.

– Então, quando é que você vai para Paris? – perguntou.

– Não vou.

Na quadra, começava o segundo quarto do jogo de basquete dos alunos do quinto ano. Jack estava no time. Ele era o caçula dos dois filhos de Ali Wilder, minha namorada (a palavra é um tanto esquisita, mas não creio que “caso”, “cara-metade” ou “companheira” sejam melhores). Jack não jogava muito bem. Não digo isso para julgar ou depois dizer que o garoto pode ter muito sucesso no futuro (Michael Jordan só conseguiu virar titular do time da escola no penúltimo ano), mas apenas a título de observação. Jack era grande para sua idade, forte e alto, o que em geral causa certa lerdeza e falta de coordenação. Ele se movia de modo pesado.

Mas adorava jogar, e para mim isso bastava. Jack era um bom garoto, aficionado por computador (no melhor sentido possível) e sobretudo muito carente, como poderíamos esperar de alguém que havia perdido o pai tão cedo e de maneira tão trágica.

Ali só poderia chegar mais tarde, no terceiro quarto, e eu, no mínimo, sou um cara prestativo.

Win ainda estava com as sobrancelhas arqueadas.

– Deixe-me ver se entendi direito – começou ele. – Você recusou o convite para passar um fim de semana em um charmoso hotel em Paris na companhia da fascinante Sra. Collins e de seu *derrière* de primeira linha?

Era sempre um equívoco falar de mulheres com o Win.

– Isso mesmo – respondi.

– Mas por quê?

Win se virou para mim. Parecia genuinamente inconformado. De repente suavizou a expressão.

– Espera aí.

– Que foi?

– Ela engordou, não é?

Coisas do Win.

– Não faço a menor ideia.

– Então qual é o problema?

– Você sabe. Estou namorando.

Win me olhou como se eu estivesse usando a quadra como vaso sanitário.

– Que foi? – perguntei.

Ele se recostou na arquibancada.

– Você parece uma mocinha! – bufou.

O jogo foi interrompido e Jack tirou os óculos, movendo-se pesadamente até a mesa dos juízes com seu adorável meio sorriso inocente. Os garotos da Livingston High estavam jogando contra os arqui-inimigos da Kasselton. Eu fazia o possível para não rir diante de tamanha seriedade – nem tanto a dos garotos, mas a dos pais nas arquibancadas. Não sou de generalizar, mas acho que posso dizer que as mães se dividiam em dois grupos: as tagarelas, que aproveitavam a oportunidade para socializar, e as histéricas, cujo coração vinha à boca sempre que seus rebentos tocavam a bola.

Os pais muitas vezes eram mais problemáticos. Alguns conseguiam conter o nervosismo, resmungando por entre os dentes ou roendo as unhas. Outros berravam a plenos pulmões, reclamando de juízes, técnicos e jogadores.

Um desses, sentado duas fileiras à nossa frente, de tão irrequieto parecia ter síndrome de Tourette. O sujeito simplesmente não conseguia se conter: tudo e todos ao redor o incomodavam. Tenho uma perspectiva bem mais clara a respeito disso do que a maioria das pessoas. Já fiz parte daquela espécie rara de atleta realmente talentoso. O que foi uma grande surpresa para minha família, já que a maior façanha esportiva dos Bolitar, antes de mim, havia sido a vitória de meu tio Saul em uma partida de malha durante uma viagem de navio em 1974. Terminei o ensino médio na Livingston High como um astro do basquete, digno de reportagem na revista *Parade*. Fui o destaque da defesa do time da Universidade Duke e capitão da equipe em nossos dois títulos da liga universitária. Cheguei a ser selecionado, logo na primeira rodada de contratações, para jogar no Boston Celtics.

Depois... *cabum!* Foi tudo pelos ares.

– Substituição! – gritou alguém.

Jack ajustou os óculos e correu para a quadra.

O técnico dos adversários apontou para ele e berrou:

– Connor! Vai nesse cara. Ele é grande e lerdo. Sua jogada é nele.

O da síndrome de Tourette reclamou:

– O placar está pau a pau! Pra que colocar o garoto agora?

“Grande e lerdo”? Será que ouvi direito?

Olhei para o técnico da Kasselton. O sujeito tinha cabelos clareados com lu-

zes e espetados com gel, além de um cavanhaque escuro meticulosamente aparado, como se fosse um ex-baixista de *boy band*. Só que era grandalhão – tenho 1,93m e ele devia ser uns cinco centímetros mais alto, além de uns 10 ou 15 quilos mais pesado que eu.

– “O cara é grande e lerdo” – repeti para o Win. – Dá para acreditar que o infeliz foi capaz de gritar uma coisa dessas?

Win deu de ombros.

Como ele, tentei não fazer tempestade em copo d’água. Ânimos exaltados. Deixa estar.

O placar estava empatado em 24 pontos quando veio o desastre. Foi logo depois de um pedido de tempo. A equipe de Jack estava dando a saída de bola sob a cesta dos adversários. Os jogadores da Kasselton cerraram a marcação em cima deles, mas Jack estava livre. Ele recebeu o passe e a defesa entrou em ação. Por um instante, o garoto ficou confuso. Acontece.

Jack olhou ao redor procurando ajuda. Virou-se para o banco da Kasselton, que estava mais próximo, e o técnico de cabelos espetados berrou:

– Arremesse! Arremesse!

Ele apontava para o aro. O aro errado.

– Arremesse! – berrou de novo.

E Jack, que naturalmente gostava de agradar e confiava nos adultos, arremessou.

A bola entrou. Dois pontos. Para o adversário.

Os pais que estavam na torcida da Kasselton vibraram, muitos irrompendo em gargalhadas. Os que estavam na torcida da Livingston levaram as mãos à cabeça lamentando-se e condenando o erro de um garoto do quinto ano. O técnico com cavanhaque de *boy band* cumprimentou seu assistente, apontou para Jack e berrou:

– Aí, garoto, é assim que se faz!

Jack talvez fosse o jogador mais alto naquela quadra, mas agora dava a impressão de que tentava a todo custo encolher e sumir. O meio sorriso inocente já não estava mais lá. Os lábios tremiam. Os olhos piscavam. Cada centímetro de seu corpo se retraía, assim como meu coração.

Um dos pais da Kasselton decidiu jogar lenha na fogueira. Rindo, improvisou um megafone com as mãos e gritou:

– Passa a bola pro grandalhão da Livingston! É nosso melhor jogador!

Win o cutucou nos ombros.

– É melhor calar a boca agora mesmo.

Virando-se para trás, o sujeito se deparou com as roupas afrescadas, os

cabelos cor de palha e as feições de porcelana de meu amigo. Estava prestes a abrir um sorriso de sarcasmo e dar uma resposta qualquer, mas foi detido por algo, provavelmente o último instinto de sobrevivência daquele cérebro de réptil. Intimidado pelo olhar gélido de Win, baixou a cabeça e disse:

– Desculpe. Exagerei na dose.

Quase não ouvi o que ele disse. Sequer conseguia me mexer. Sentei-me novamente e fiquei olhando para o técnico de cabelos espetados, o sangue fervendo nas veias.

A campainha soou para anunciar o fim do segundo quarto. O técnico ainda ria e balançava a cabeça, perplexo. Um de seus assistentes se aproximou para cumprimentá-lo, seguido de alguns dos pais e espectadores.

– Agora preciso ir – disse Win.

Permaneci calado.

– Quer que eu fique? Para alguma eventualidade?

– Não.

Win se despediu com um breve meneio da cabeça e saiu. Eu ainda encarava o técnico da Kasselton. Então me levantei e desci as arquibancadas. Meus passos ribombavam feito trovão. O técnico seguiu na direção do banheiro. Fui atrás. Ele entrou, rindo como o babaca que com certeza era. Fiquei esperando do lado de fora. Assim que o sujeito saiu, falei:

– Ética exemplar.

Na camisa dele estava bordado em letra cursiva: “técnico Bobby”. Ele parou e arregalou os olhos.

– Como?

– Mandar um garoto de 10 anos arremessar para a cesta errada – falei. – E, depois de humilhar o infeliz, ainda dizer “é assim que se faz!”. Sua ética é exemplar, Bobby.

O técnico estreitou os olhos. De perto, ele era ainda maior. Tinha braços fortes, nós salientes nos dedos e sobrancelhas de um homem de Neandertal. Eu conhecia bem o tipo. Todo mundo conhece.

– Faz parte do jogo, camarada.

– Ridicularizar um garoto de 10 anos faz parte do jogo?

– Confundir a cabeça dele. Forçar o adversário a cometer um erro.

Não falei nada. Ele me lançou um olhar de avaliação e concluiu que podia me enfrentar. Gorilas feito ele não costumam fugir. Eu o encarava fixamente.

– Algum problema? – provocou Bobby.

– São garotos de 10 anos.

– Sim, eu sei. E você é o quê? Um desses papais molengas, esses bundas-moles

que acham que todos devem ser tratados de modo igual na quadra? Que ninguém pode ser magoado, que ninguém deveria ganhar ou perder? De repente nem deveria ter placar, certo?

Um dos membros da equipe da Kasselton se aproximou. A camisa dele informava: técnico assistente Pat.

– Ei, Bobby – chamou ele. – O terceiro quarto já vai começar.

Dei um passo adiante e disse:

– Só pare com isso.

Com o sorrisinho de praxe, Bobby mandou sua réplica igualmente previsível:

– Senão você vai fazer o quê?

– O garoto é muito sensível.

– Que peninha. Se ele é tão sensível assim, talvez não devesse jogar.

– Ou talvez você não devesse ser técnico.

O assistente Pat se adiantou e ficou olhando para mim, estampando no rosto o sorriso de reconhecimento que eu vira tantas vezes.

– Ora vejam só! – disse.

– Que foi? – perguntou Bobby.

– Sabe quem é esse aí?

– Quem?

– Myron Bolitar.

Dava para ver que o técnico Bobby estava tentando se lembrar do nome. Era como se houvesse uma janelinha na testa dele através da qual se veria um hamster correndo dentro de uma roda, acionando as engrenagens. Quando as conexões se estabeleceram no cérebro, ele abriu um sorriso sarcástico tão largo que por pouco não rasgou o cavanhaque.

– O “prodígio” – disse, fazendo as aspas com os dedos – que não teve colhões para ficar na liga profissional? O mundialmente famoso amarelão da NBA?

– Esse mesmo – respondeu o assistente.

– Agora entendi.

– Olha só, Bobby – falei.

– Que foi?

– Deixe aquele garoto em paz. É só o que tenho a dizer.

Bobby franziu a testa e disse:

– Você não vai querer me peitar, vai?

– Não, não vou. Só quero que você deixe o garoto em paz.

– Sem chance, meu amigo.

Ele sorriu e deu um passo na minha direção.

– E aí, algum problema? – provocou.

– Um problemão.

– Então que tal a gente resolver esse problema mais tarde, depois do jogo? De homem para homem.

Meu sangue começou a ferver nas veias.

– Está me chamando pra briga?

– Estou. A não ser, claro, que você seja um banana. Você é?

– Não sou um banana.

Às vezes mando muito bem nas minhas respostas. Não deixo o nível da discussão cair.

– Ainda tenho um jogo a terminar. Mas depois a gente resolve essa questão, só você e eu. Entendido?

– Entendido.

Mais uma réplica brilhante. Estou inspirado.

Bobby apontou o dedo para a minha cara. Cogitei arrancá-lo com os dentes – é uma estratégia infalível para pôr a pessoa em seu lugar.

– Você é um homem morto, Bolitar. Está ouvindo? Um homem morto.

– Um homem mouco?

– Um homem morto.

– Ah, bom, porque, se eu fosse surdo, não poderia ouvir você. Pensando bem, se estivesse morto, também não.

A campanha tocou. Pat, o assistente, disse:

– Vamos, Bobby.

– Um homem morto – repetiu o técnico pela terceira vez.

Levei a mão ao ouvido como se estivesse com dificuldade para ouvir.

– O quê? – berrei, mas ele já havia me dado as costas.

Fiquei olhando o sujeito. Bobby andava com uma postura arrogante, os ombros jogados para trás e os braços balançando de um modo quase exagerado. Eu estava prestes a berrar mais alguma idiotice quando alguém tocou meu braço. Virei-me. Era Ali.

– O que houve? – perguntou ela.

Ali tinha enormes olhos verdes, além de um rosto largo, lindo, que para mim eram irresistíveis. Minha vontade era tomá-la nos braços e sufocá-la de beijos, mas o lugar talvez não fosse o mais apropriado.

– Nada – respondi.

– Como foi o jogo até agora?

– Estamos perdendo por dois pontos.

– Jack fez alguma cesta?

– Não, acho que não.

Ali avaliou minha expressão por um instante e encontrou algo de que não gostou. Virei o rosto e voltei para a arquibancada. Sentei-me. Ali se sentou ao meu lado. Dali a dois minutos, perguntou:

– Então, qual é o problema?

– Problema nenhum.

Tentei me acomodar melhor na arquibancada desconfortável.

– Mentiroso – disse Ali.

– Estou ligado no jogo, só isso.

– Mentiroso.

Olhei de relance para ela, admirando aquele rostinho adorável, as sardas que lhe davam um ar de adolescente e a deixavam ainda mais charmosa, e também notei algo.

– Você parece um pouco distraída.

Não apenas hoje, pensei. Já fazia duas semanas que as coisas andavam meio estranhas entre nós. Ali vinha mantendo certa distância, parecia preocupada e se recusava a se abrir comigo. De minha parte, eu andava bastante ocupado com o trabalho, portanto não tinha insistido em descobrir o que era.

Sem tirar os olhos da quadra, ela disse:

– O Jack jogou bem?

– Jogou – respondi. E fui logo dizendo: – A que horas é seu voo amanhã?

– Às três.

– Vou levá-los ao aeroporto.

Erin, a filha de Ali, estava para se matricular na Universidade do Estado do Arizona. Ali e Jack iam acompanhar a garota até o campus e ficar lá por uma semana, até que ela se instalasse por completo.

– Não precisa. Já aluguei um carro.

– Então vou dirigindo.

– Não precisa.

E com isso ela pôs fim ao assunto. Tentei relaxar e acompanhar o jogo. Meus batimentos cardíacos ainda estavam a mil. Dali a pouco, Ali perguntou:

– Por que você não tira o olho do outro técnico?

– Que técnico?

– Aquele lá, com cavanhaque de Robin Hood e cabelo de apresentador de TV que exagerou na água oxigenada.

– O que precisa de um barbeiro decente.

Ali quase sorriu.

– Jack já ficou muito tempo em quadra?

– Mais ou menos o de sempre.

O jogo terminou. Vitória de Kasselton, com três pontos de diferença. A multidão vibrou. O técnico de Jack, que era um bom sujeito, achara melhor poupar o garoto na segunda metade da partida. Ali ficara um tanto incomodada porque, de modo geral, ele dava oportunidade igual a todos os garotos, mas decidiu deixar as coisas como estavam.

As equipes se dispersaram para a conversa pós-jogo de sempre. Ali e eu ficamos esperando junto à porta do ginásio, no corredor da escola. Não demorou muito para que Bobby aparecesse, caminhando na minha direção com a mesma arrogância de antes, mas agora com os punhos cerrados. Estava acompanhado de mais três homens, entre eles o assistente Pat, todos grandes e balofos, mas bem menos intimidantes do que pensavam ser. Bobby parou à minha frente, a mais ou menos um metro de distância. Os três companheiros se alinharam e cruzaram os braços, encarando-me.

Por um momento ninguém disse nada. Eles apenas me olharam de cara feia.

– É agora que eu devo mijar nas calças? – falei.

Bobby apontou o dedo para a minha cara novamente.

– Sabe onde fica um bar chamado Landmark, em Livingston?

– Claro que sei.

– Hoje, às 10 da noite. Estacionamento dos fundos.

– Papai não me deixa sair a essa hora. Além disso, não sou um qualquer. Você vai ter de me convidar para jantar. E levar flores.

– Se você não der as caras – ameaçou ele, o dedo quase roçando meu nariz –, arrumo outro jeito de acertar as contas com você depois. Entendeu?

Não entendi, mas antes que eu pudesse pedir qualquer tipo de explicação, ele saiu pisando forte, seguido dos capangas. A certa altura, eles se viraram para trás e aproveitei a oportunidade para acenar um delicado adeusinho. Um dos capangas continuou a me encarar, então soprei um beijo na direção dele. O sujeito virou o rosto como se tivesse levado um tapa.

Soprar um beijo: meu golpe preferido contra homofóbicos.

Olhei para Ali e, percebendo a expressão no rosto dela, pensei: xiiiiiii...

– Que diabos foi isso? – perguntou ela.

– Aconteceu uma coisa antes de você chegar.

– O quê?

Contei a ela o episódio com Jack.

– E você foi tirar satisfação com o técnico, é isso?

– É.

– Mas por quê? – perguntou ela.

– Como por quê?

– Você só fez piorar as coisas. Aquele cara é um metido. Os garotos sabem disso.

– Jack estava quase chorando.

– Pois deixe que *eu* cuide disso. Não preciso de nenhum macho alfa para me ajudar.

– Não se trata disso. Eu só queria que ele parasse de infernizar o Jack.

– Foi por isso que ele ficou no banco. O técnico provavelmente viu seu showzinho e foi inteligente o bastante para não colocar lenha na fogueira. Está contente agora?

– Ainda não – respondi. – Só depois de destruir a cara dele hoje à noite. Aí, sim, acho que vou ficar contente.

– Nem pense em fazer uma coisa dessas.

– Você ouviu o que ele disse.

– Não posso acreditar – disse Ali, balançando a cabeça. – Que diabos deu em você?

– Só quis defender o Jack.

– Esse não é seu papel. Você não tem esse direito. Você não...

Ela se calou de repente.

– Continue. Diga.

Ali fechou os olhos.

– Você tem razão – disse eu. – Não sou o pai dele.

– Não era isso que eu ia dizer.

Era, sim, mas deixei passar.

– Tudo bem, talvez esse não seja o meu papel – comecei. – Mas a questão não é essa. Eu teria enfrentado aquele cara mesmo que a confusão tivesse sido com outro garoto.

– Por quê?

– Porque está errado.

– E quem é você para julgar?

– Julgar? Existe o certo e existe o errado. E ele estava errado.

– Ele é um babaca arrogante. Algumas pessoas são assim. É a vida. Jack entende isso ou vai acabar entendendo com o tempo. Faz parte do amadurecimento: aprender a lidar com babacas. Você não entende?

Permaneci calado.

– E se meu filho foi tão humilhado assim – prosseguiu Ali entre dentes –, quem você pensa que é para não me contar? Eu perguntei o que vocês estavam falando durante o intervalo, lembra?

– Lembro.

– Você disse que não era nada. O que estava passando na sua cabeça? “Vou mostrar àquela mulher como se faz”, é isso?

– Claro que não.

Ali balançou a cabeça e ficou calada.

– Que foi? – perguntei.

– Deixei que você se aproximasse demais dele.

Senti meu coração despencar em queda livre.

– Droga! – desabafou ela.

Fiquei esperando o que viria depois.

– Para um cara tão legal e tão observador, você às vezes é muito tapado.

– Talvez eu não devesse ter ido atrás do cara, mas se você estivesse aqui quando ele ficou zombando do Jack, se tivesse visto a carinha dele...

– Não estou falando disso.

Parei um instante, pensando.

– Então você está certa. Sou mesmo um tapado.

Ali é uns 30 centímetros mais baixa que eu. Ela se aproximou de mim e ergueu o rosto.

– Não estou indo para o Arizona para ajudar Erin a se instalar. Ou pelo menos não só para isso. Meus pais moram lá. E os pais dele também.

Eu sabia muito bem a quem se referia esse “dele”: o falecido marido de Ali, o fantasma com que aprendi a conviver, que às vezes até admirava. Um fantasma que nunca ia embora. Nem sei se deveria ir, mas de vez em quando eu me pegava torcendo para que fosse. Claro, isso é uma coisa horrível de se desejar.

– Eles... quer dizer, os avós, todos vêm pedindo que a gente se mude para lá. Querem ficar mais próximos dos netos. O que não é má ideia.

Fiz que sim com a cabeça, mas só porque não sabia o que mais fazer.

– Jack e Erin... eu também, nós todos precisamos disso.

– Do quê?

– Família. Os pais dele precisam fazer parte da vida do Jack. Eles não suportam mais esse clima frio daqui. Você entende?

– É claro.

As palavras soaram estranhas a meus ouvidos, como se outra pessoa as tivesse dito.

– Meus pais encontraram um apartamento e querem que a gente dê uma olhada – disse Ali. – Fica no mesmo condomínio em que eles moram.

– É muito bom morar em condomínio – falei, jogando conversa fora. – Não precisa se preocupar com a manutenção do prédio. É só pagar as taxas mensais e pronto, não é?

Ali não se deu o trabalho de responder.

– Então – falei –, indo direto ao ponto: o que isso significa para nós?

– Você quer se mudar para Scottsdale? – perguntou ela.

Hesitei.

Ali colocou a mão em meu braço e disse:

– Olhe para mim.

Olhei e então ela disse algo que eu jamais poderia ter imaginado:

– Não íamos ficar juntos para sempre, Myron. Nós dois sabemos disso.

Um bando de garotos passou correndo por nós. Um deles esbarrou em mim e chegou até a se desculpar. Um juiz soprou seu apito. A campainha tocou.

– Mãe?

Jack, que Deus o abençoe, apareceu no corredor. Ali e eu imediatamente nos recompusemos e abrimos um sorriso. Jack não sorriu. Normalmente, mesmo que tivesse metido os pés pelas mãos durante o jogo, ele deixava a quadra saltitando feito um canguru, distribuindo sorrisos e erguendo o braço para bater na mão de qualquer um que o cumprimentasse. Era parte do charme do garoto. Mas, dessa vez, não.

– E aí? – falei, por não ter o que mais dizer.

Muitas vezes, em situações semelhantes, as pessoas dizem “Você jogou muito bem!”, mas as crianças sabem que é mentira, que estão sendo tratadas com condescendência, e isso só piora as coisas.

Jack correu na minha direção, passou os braços ao redor de mim e afundou o rosto em meu peito, chorando. Mais uma vez senti meu coração se partir. Fiquei parado, amparando a cabeça do garoto. Ali observava meu rosto. Não gostei do que vi.

– Foi um dia ruim, não foi? – disse eu. – Todo mundo tem dias ruins às vezes. Não precisa ficar assim, está bem? Você deu o seu melhor e é só isso que a gente pode fazer. – Então falei algo que o garoto jamais entenderia, mas que era absolutamente verdade: – Esses jogos nem são tão importantes assim.

Ali colocou as mãos sobre os ombros do filho, que se virou para abraçá-la. Ficamos assim por um instante, até que ele se acalmou. Então eu bati palmas, forcei um sorriso e disse:

– E aí, alguém está a fim de um sorvete?

Jack não pensou duas vezes:

– Eu!

– Hoje, não – disse Ali. – Precisamos fazer as malas e preparar as coisas para a viagem.

Jack fez uma careta de decepção.

– Fica para outro dia – disse ele.

Pensei que o garoto fosse mandar o tradicional “aaaaah, mãe”, mas talvez ele tivesse percebido, assim como eu, algo diferente na voz de Ali. Inclinou a cabeça para o lado e, sem dizer mais nada, virou-se para se despedir. Deu um soquinho no meu punho, como a gente sempre fazia, e saiu rumo à porta.

Com os olhos, Ali sinalizou para que eu olhasse para a direita. Para o técnico Bobby.

– Você não ouse levar essa história adiante – disse ela.

– Ele me desafiou – argumentei.

– Homem que é homem não se rebaixa a uma situação dessas.

– No cinema, talvez. Na Terra do Nunca, no País das Maravilhas. Mas, na vida real, quem não se rebaixa a uma situação dessas é considerado um grande covarde.

– Então, por mim. Pelo Jack. Não vá àquele bar hoje à noite. Prometa que não vai.

– Ele falou que, se eu não aparecer, vai me procurar depois.

– Puro gogó. Prometa.

Ela me olhou nos olhos.

Eu hesitei, mas não por muito tempo.

– Tudo bem, prometo.

Ali se virou para ir embora. Sem beijo, nem no rosto.

– Ali?

– Oi.

De uma hora para outra, o corredor me pareceu deserto.

– Nós estamos terminando?

– Você quer se mudar para Scottsdale?

– Precisa de uma resposta agora?

– Não. Mas já sei qual é. E você também.

3

NÃO SEI AO CERTO QUANTO TEMPO se passou. Provavelmente um ou dois minutos. Então saí andando para o carro. O dia estava cinza. Uma chuvinha fina me acolhia. Parei um instante, fechei os olhos, ergui o rosto para o céu. Pensei em Ali. Pensei em Terese em um hotel em Paris.

Baixei a cabeça, dei mais dois passos adiante e foi então que avistei o técnico Bobby e seus asseclas dentro de um Ford Expedition.

Suspiro.

CONHEÇA OS LIVROS DE HARLAN COBEN

Até o fim
A grande ilusão
Não fale com estranhos
Que falta você me faz
O inocente
Fique comigo
Desaparecido para sempre
Cilada
Confie em mim
Seis anos depois
Não conte a ninguém

COLEÇÃO MYRON BOLITAR

Quebra de confiança
Jogada mortal
Sem deixar rastros
O preço da vitória
Um passo em falso
Detalhe final
O medo mais profundo
A promessa
Quando ela se foi
Alta tensão
Volta para casa

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

